



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos das Capitanias Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaranítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

ANO 2024

Dezembro

Nº 469

ALOCUÇÃO REFERENTE À COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS DA FORMAÇÃO DA TURMA INTEGRAÇÃO NACIONAL / TURMA 1974 DA AMAN - 14 de dezembro de 2024 – pelo General de Exército MARCO ANTÔNIO DE FARIAS, Ministro do Superior Tribunal Militar

Introdução (pelo Editor)

Na manhã do dia 14 passado, no auditório do Teatro Acadêmico da AMAN, o único oficial fardado, General Farias, dirigiu-se aos seus colegas de turma por ocasião do Jubileu de Ouro da Declaração de Aspirantes, ocorrida em 17 de dezembro de 1974. Abaixo, as palavras do nosso colega, em texto corrido.



Academia Militar das Agulhas Negras, bom dia! Falo para ti! As saudades persistentes de ti aumentam com o aparecimento das rugas, com o esbranquiçar dos nossos cabelos, enfim com o passar do tempo.

Academia, que força estranha será essa, que nos envolve, encanta e fascina? Gratidão, por certo, é um dos nossos sentimentos! Quanto mais longe no tempo, mais pertos estamos de ti! A turma de 74, Turma Integração Nacional, nas comemorações do cinquentenário da formação militar, reconhecendo a tua grandeza, retorna ao teu seio! Exmo. sr. Gen Bda Marcus Vinicius Gomes Bonifácio, comandante da AMAN, a quem cumprimento e agradeço em nome da turma pela presença e pelo acolhimento.

Desde já, o nosso muito obrigado! Prezado amigo Olavo, hoje é o dia “D”. Cinquenta anos da formação.

Queridos amigos, estimados camaradas, prezados companheiros, inesquecíveis irmãos por escolha! Busquei reunir nesta gradação de nominata todas as formas de tratamento afetuosos que me permitem, neste momento, chegar e abraçar cada um de vocês, individualmente e a todos, em comunhão de princípios, de respeito, amizade, consideração, fraternidade e de muitas, muitas saudades. Tudo em nome da Turma Integração Nacional. Estendo esse apreço aos, também, queridos familiares e convidados ora presentes e mesmo àqueles ausentes, que não puderam comparecer por impedimento, ou por já estarem contemplando a face de Deus. A todas e a todos a nossa melhor saudação de estima e desejos de felizes momentos neste reencontro! Senhoras e senhores! Do alto das Agulhas Negras, 50 anos da nossa formação, e da nossa história, nos contemplam. 50 anos ... cravados na nossa existência. Meio século da formação que nos une, sustenta, comove e inspira. 50 anos que já vão longe. E, no entanto, parece que foi ontem. Na verdade, camaradas, o nosso caso de amor para com a turma e a academia ocorreu quatro ou cinco anos antes, quando adentramos, naquele 26 de fevereiro de 1971, oficialmente, o portão monumental, aquele pórtico de concreto, ferro e bronze que adorna e adornará os nossos sonhos até a eternidade. Inapagável em nossas memórias aquele fevereiro de 1971 quando, no ardor da nossa juventude, nos reunimos, todos, pela primeira vez e juntamos, com bagagem completa, sonhos e expectativas nesta pequena quadrícula militar do Exército Brasileiro, no Vale do Paraíba, de chão montanhoso, aos pés da serra da Mantiqueira, no coração de Resende. Com toda certeza, estávamos ansiosos, esperançosos e confiantes no horizonte novo que se desenhava, com a imaginação sem freios, uníssona às batidas dos nossos corações. Memorável o marcante impacto córpore-espiritual, sentido ao adentrarmos o portão de entrada dos novos cadetes. Inesquecível! A explosão de alegria combinada com a preocupação de não errar o passo. Quatro anos depois, vivenciamos nova emoção na passagem pelo Portão das Armas, já então, o portão dos novos aspirantes. Agora, previamente amadurecidos e aptos ao exercício do comando. Repito: 50 anos passados daquele momento. E parece que foi ontem: a cerimônia, os sorrisos, as lágrimas e os abraços de despedida. As emoções do tempo distante, guardadas as devidas proporções, não diferem muito das emoções de hoje. Como dantes, aqui nos reencontramos, nesta pequena quadrícula militar do Exército Brasileiro, no vale do Paraíba, aos pés da serra da Mantiqueira, de chão montanhoso, e no coração de Resende. Semelhante a outrora, estamos unidos e reunidos, corações a mil, para restaurar um pedaço da nossa mocidade, como que em um regresso. Estar aqui com a turma, é reprisar a juventude, reviver os bons tempos, como se eles não tivessem passado, como se o nosso corpo e mente não tivessem evoluído para, no máximo, aceitarmos, tão somente, que as rugas surgiram e que os nossos cabelos se pratearam. Nada, além disso! Os mesmos sorrisos, as mesmas lágrimas e os mesmos abraços, só que, desta vez, pelo reencontro em comemoração aos cinquenta anos transcorridos da nossa declaração de aspirantes. Meio século passado. E parece que foi ontem! *“jamais outro brado mais forte e entoado será pelo Brasil! clarins da vitória, cobertos de glória, por todo o céu ecoarão, a fama levando a pátria lembrando que seus jovens cadetes não vacilarão, em defender o seu brasão! (...) não vacilarão, em defender o seu brasão!”* (trecho da canção Brasão do Cadete). Estimados amigos! A canção brasão do cadete, canção do Curso Básico, com os seus versos, assinala o início das nossas jornadas profissionais. Não somente para aqueles que seguiram a carreira das armas, mas, também, para todos aqueles que navegaram para outros rumos, sem deslembrar o passado acadêmico. Nós continuamos, guardando e entoando o brado mais forte, ecoando por todos os cantos da pátria. Ao longo desse meio século da formação, vislumbramos diferentes horizontes, caminhamos por sobre selvas, rios e matas, sobre cidades, pantanal e pampas, sobre cerrados e montanhas, estivemos na caatinga, nas pradarias e nas araucárias. A turma se fez presente em todas as regiões do país. E avançamos, de per se, vibrantes de razão em nossas caminhadas, enfrentando com renúncia os desafios das nossas lutas, cumprindo com prontidão as missões recebidas, até que pousamos, cada um de nós, nos nossos destinos de agora. Cumprimos com devoção a profecia audaciosa da canção Brasão do Cadete. Foram 50, os anos passados da nossa sólida formação. 50 anos, um tempo de construção! Nessas cinco décadas, evoluímos bastante como militares, como profissionais, como pessoas, como gente, como seres espiritualizados e como amigos. Nesse tempo, tivemos que fazer escolhas

e construímos nossas carreiras, nossas famílias, nossos bens, nossas crenças, nossa fé. Enfim, construímos nossa vida e nossa história. Sobretudo, aprendemos a ter consciência dos nossos deveres e de que nada, nada se constrói sozinho. Aprendemos a dar valor ao coletivo, à família, ao grupo e, especialmente, aos amigos, os irmãos por escolha. Aí vai o nosso diferencial: aprendemos que juntos somos mais fortes! E é por esta razão que estamos, hoje, aqui! *“(...) és a eterna majestade, nas linhas combatentes és a entidade, dos mais valentes. quando o toque da vitória marcar nossa alegria, eu cantarei, eu gritarei: és a nobre infantaria! (...)”* (trecho da canção da infantaria). Prezados amigos, nada mais justo, então, do que, saudando este momento de união de propósitos, apresentarmos um preito de gratidão à nossa escola mãe, a Academia Militar das Agulhas Negras. Há algum tempo atrás, li um provérbio que assim dizia: *“quando você chegar ao seu destino, não se esqueça de olhar para trás, para lembrar de onde você veio!”* Camaradas! Olhando para trás, para a nossa largada profissional, não podemos deixar de reverenciar a nossa origem, iniciação e procedência. Profissionalmente, viemos desta casa, estabelecimento de ensino e educandário de excelência, que nos ministrou o ensino superior, repleto com as disciplinas universitárias somadas às do ensino profissional. Entretanto, não foi somente esse o acervo construtivo da nossa formação. Aqui, fomos também instruídos nas disciplinas prestantes e cognitivas, nos valores éticos e morais, no respeito às leis e às autoridades, aos chefes, aos iguais e aos subordinados, no apreço à probidade, à responsabilidade, à verdade e à lealdade, na sã camaradagem e no amor à pátria. Um elenco incomparável de bagagem educativa. *“Arma ligeira que transpõe os montes, caudais profundos, com ardor e glória, estrela guia em negros horizontes, pelo caminho da luta e da vitória. cavalaria, cavalaria, tu és na guerra a nossa estrela guia. (...)”* (trecho da canção da cavalaria). Senhores! Independente de credos, filosofias, doutrinas, preferências ou escolhas, mas alicerçados no reconhecimento e gratidão, não podemos jamais esquecer o estabelecimento que nos forneceu a rígida estrutura para o seguimento das nossas vidas, pessoal e profissional: a AMAN. A maturidade e a firmeza de nossos ideais não nos permitem contestar a gratidão para com a Academia Militar, nosso templo formador. Reverenciamos esta casa pela força das suas tradições, pelo acolhimento aos seus educandos, pela qualidade do ensino e pelo rigor das suas normas, que nos modelaram na ética e na 8 moral para garantir a legitimidade do exercício pleno das nossas responsabilidades. *“(...) quer de costa, antiaérea ou de campanha, eu domino no ar, no mar, na terra, quer no forte, no campo ou na montanha, vibra mais no canhão, a voz da guerra; da batalha sinistra a melodia é mais alta na garganta da pesada artilharia. (...)”* (trecho da canção da artilharia). Em assim sendo, apresento em nome da Turma Integração Nacional, a turma de 74, o melhor agradecimento ao nosso berço de formação, a AMAN, na pessoa do seu atual comandante, General de Brigada Marcus Vinicius Gomes Bonifácio, bem como de todos os mestres, instrutores, monitores, professores e auxiliares civis e militares de todos os tempos, e em especial aos que fizeram parte da nossa formação. A todos eles, a nossa eterna gratidão, o nosso muito obrigado! *“(...) o castelo lendário, da arma azul-turquesa, que a tropa ostenta, a desfilar, com galhardia é um escudo de luta, é o brasão da grandeza e da glória sem fim, com que forja a defesa e é o esteio, do brasil, a engenharia. (...)”* (trecho da canção da engenharia). Em pronunciamento anterior, nos 45 anos da turma, tive a oportunidade de lhes trazer a nossa percepção sobre o valor de uma turma formada em estabelecimento de ensino militar. Achei pertinente, com a devida permissão dos presentes, resgatar para este evento, 50 anos da formação, alguns trechos daquele depoimento. Em síntese, concluí, na época: *“busquei nos dicionários a definição do que seria uma turma. Encontrei até explicações como: ‘grupo de pessoas que realizam o mesmo trabalho’ ou ‘bando’, ou ‘cada um dos grupos de alunos matriculados numa mesma classe ou num mesmo ano escolar’ ou, ainda, ‘turno’”*. Está claro que os autores de dicionário desconhecem o verdadeiro significado do verbete quando aplicado aos alunos formados nas escolas militares. Para nós, companheiros de formação, turma é muito mais. Turma é identidade, é símbolo, é comunhão. É analogia. Turma é marca registrada: turma de 74! A turma nos distingue no tempo e no espaço acadêmico. Ela nos faz perder a individualidade e nos abriga na coletividade. Turma, para nós, é parentesco, é confraria espiritual, é propriedade (minha, nossa turma), e, acima de tudo, turma é referência. A turma nos reporta a um passado comum, ao

fascínio da mocidade, aos sonhos da juventude, às experiências similares, àquela intimidade confidencial, ao compartilhamento das alegrias e tristezas, dos sorrisos e das lágrimas. A turma é aquela que nos acolhe em qualquer situação, aonde quer que vamos ou estejamos. Solidária, ela nos impõe comportamentos e obrigações afetivas, mesmo quando já afastados da vida militar. A turma nos iguala a nós mesmos, ainda que possamos estar em circunstâncias diferentes. Para não mais me estender, concluo que, para nós, turma é como um sistema aberto, no qual nos integramos e interagimos, trocamos energia, onde conformamos uma concepção toda própria do mundo e da condição humana, concreta e abstrata, uma concepção movida pela camaradagem, pelo respeito, fraternidade, compromisso e pelo amor. Retorno ao tributo de gratidão à turma 74, Turma Integração Nacional, nos seus 50 anos da formação. *“Companheiros, nos combates não esqueçamos, que o Brasil nos delegou grande missão, sem temor a ela assim nos dedicamos, dando à tropa equipamento e provisão. Pela glória do Brasil tudo faremos, das granadas o fragor não nos aterra, somos fortes e o inimigo venceremos p’ra manter a tradição de nossa terra. (...)”* (trecho da canção da intendência). Assim, prezados irmãos, a Turma Integração Nacional tornou-se vitalícia, perpétua e eterna em nossas existências. Jamais morreremos ou deixaremos de existir como turma de 74, passado o tempo que for. Estamos presentes nesta academia, gravados em suas paredes, marcados nas pegadas que deixamos nos pátios, nos corredores, nas alamedas, nas salas de aula, nas alas, nos apartamentos e nas instalações desportivas e instrucionais. E estaremos também, eternizados, inscritos que fomos nas placas de bronze que, em local próprio, ornamentam as paredes desta casa. Para a nossa felicidade e júbilo, a turma está guardada dentro de nós e nós guardados dentro da turma, neste cenário acadêmico. *“Pelas estradas sem fim, ou pelo campo caminha a glória. Os nossos fios, as nossas antenas transmitem essas vitórias quando soa a metralha ou o ronco dos canhões, nos céus da pátria ecoa, teu nome comunicações, e quando a vitória vier, alguém falará no porvir, na paz assim como na guerra, teu lema é sempre servir. (...)”* (trecho da canção das comunicações). Prezados amigos, cabe neste ponto da alocução abrir um espaço de meditação, de reflexão, para resgatar a memória dos companheiros que já se foram e nos deixaram com os amargos sentimentos da falta, da dor e da saudade. A ausência dos irmãos é enorme, somente compensada pelas lembranças que carregamos dentro de nós, e que nos permitem recontar, com alegria, como eles eram em vida e de como nós nos queríamos bem. Lembramos com imenso carinho o jeito de ser de cada um: seus gostos; seus hábitos; suas singularidades; o seu clube de coração; suas manias; o sotaque; as ideias e o seu protagonismo dentro da turma. Impossível de se esquecer o perfil de cada um de nós, desenhado pelo grupo. A todos os que já partiram, a nossa homenagem e a certeza de que continuamos juntos também aqui neste ato de celebração da amizade, da veneração aos companheiros, da convergência espiritual, enfim juntos para sempre. Manifesto, então, em nome da turma, nossa melhor saudação à memória dos inesquecíveis amigos de lembrança eterna. (clarim! toque de silêncio!). *“Nos paióis, nas oficinas enfrentamos ardis e minas, porfiaremos de alma forte, com denodo e valentia. noite e dia sem cessar, cumprimos nosso dever, pouco importa vida ou morte, nosso intuito é vencer. (...)”* (trecho da canção do material bélico). Assim, acredito ser a turma de 74 da AMAN, Turma Integração Nacional. Ela é a identidade, a marca registrada, o nosso símbolo, a nossa história. Recordando dados da turma: ao adentrarmos o portão dos novos cadetes, éramos 356 brasileiros e cinco cadetes de nações amigas, todos do Panamá. Ao cruzar o portão dos novos aspirantes, éramos 315, assim distribuídos: 86 infantes; 39 cavalarianos; 44 artilheiros; 44 engenheiros; 33 intendentes; 37 comunicantes; e 32 matibelianos. A nós coube a ventura de carregar na alma o dever de honrar e preservar a grandeza dos valores que internalizamos, os quais unem, de forma definitiva, os integrantes da Turma Integração Nacional, aonde quer que estejam. Senhoras e senhores, ao findar, como não poderia deixar de ser, agradecemos ao incansável Olavo e demais integrantes da Comissão de Organização deste evento pela felicidade de, superando todos os inconvenientes, desafios e contratempos, terem conseguido nos trazer de volta à nossa casa mãe, num ambiente festivo de confraternização com elevado grau de saudade, sentimento coletivo, proporcionado pelas lembranças do nosso passado, no enredo da nossa formação profissional. Com a devida permissão, convido os integrantes da comissão a se colocarem de pé para receber o agradecimento da turma. A esses camaradas o nosso muito obrigado. Peço uma salva de

palmas. Por fim, aos queridos irmãos por escolha, antes de um até breve, rogo-lhes um pedido de preservação dos bons tempos acadêmicos: que, em nossos sonhos, jamais deixemos de resgatar um toque de corneta, uma alvorada festiva, um bumbo no pé direito, uma fivela com flanela e latinha de kaol, um par de coturnos, um bibico preso na cintura, um fuzil Mauser 1908 na SIEsp, um casarão na fazenda boa esperança, um vento gelado no pico das agulhas negras, os sorrisos nas brincadeiras dos apartamentos, um “FO” por cama mal arrumada; um mastro fincado ao pé de um lago artificial, com a bandeira do brasil; uma parede no quarto piso do p3m (Pátio Marechal Mascarenhas de Moraes) encimada pelo adágio “*Cadete! ides comandar. Aprendei a obedecer*”, e, dentre tantos outros valores, os versos de uma canção: “*academia militar, heróis a lutar por um brasil maior, na paz como na guerra, honrando as tradições da nossa terra. (...) somos a esperança de um brasil inteligente, liderança do continente. Irmãos brasileiros, formais entre nós, brasileiros sois todos vós. Amor ao brasil, amor à bandeira, seja o lema da mocidade brasileira. (...)*” (trecho da canção da AMAN). Companheiros e familiares! Em 2029, nos reencontraremos novamente, unidos e reunidos, neste mesmo local e hora, com a aquiescência de Deus, em louvação à turma de 74, Turma Integração Nacional, nos seus 55 anos da formação! Muito obrigado, sempre juntos e até breve! Gen Ex Marco Antônio de Farias - cadete 943/turma 1974.



A 10ª REGIÃO MILITAR E A II GUERRA MUNDIAL

Major Gustavo Augusto de Araújo Chaves Pereira¹

1. INTRODUÇÃO:

No final de 1939, desencadeou-se a 2ª Guerra Mundial; em consequência, o Exército Brasileiro passou a acompanhar de perto o desenrolar do conflito. A situação do Continente Americano foi minuciosamente revista pelo Estado-Maior do Exército que realizou reconhecimentos terrestres, aéreos e navais nos estados do nordeste em 1941, visando verificar as condições de sua defesa contra ataques de forças aéreas e navais oriundas de outros continentes.

Após o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, no alvorecer de 1942, criou-se a Zona de Guerra no território brasileiro, com cinco Teatros de Operações, destacando-se o TO do Nordeste por sua posição estratégica em relação às rotas marítimas do Atlântico.

O EME realizou uma reestruturação das Organizações Militares para atender ao esforço de guerra.

2. A CRIAÇÃO DA 10ª RM E SUA PARTICIPAÇÃO DURANTE A II GM:

¹ Major do QCO. Graduação em História pela Fundação Universidade Estadual Vale do Acaraú (Sobral-Ce/1997). Turma CFO/QC – 2002. Exerce atualmente a função de Adjunto ao Centro de Cultura Regional Militar da 10ª Região Militar. Pós-Graduação *Lato Sensu* em Coordenação Pedagógica (CEP/2019); Especialização em Gestão (EsIE/2014); Pós-Graduação *Lato Sensu* em Aperfeiçoamento em Conhecimentos Militares (EsAO/2012); Pós-Graduação *Lato Sensu* em Metodologia de Ensino da História (Universidade de Cuiabá/2005); Pós-Graduação *Lato Sensu* em Aplicações Complementares às Ciências Militares (EsFCEX/2002); Curso de Aperfeiçoamento Militar (EsAO/2011); Adaptação a Caatinga/Adaptação e Operação na Caatinga (Estágio/72º BI Mtz/2010); Básico do Combatente de Caatinga Categoria "A" (Estágio/ 72º BI Mtz/2010). Historiador e Pesquisador Militar. Email: gustavoaugusto2@hotmail.com. Telefone: (021) 991089865. OM: Comando da 10ª RM.

O embrião da 10ª Região Militar é a 3ª Brigada de Infantaria da 7ª Divisão de Infantaria do Recife, criada em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, para agrupar as unidades existentes nas capitais dos estados mais setentrionais (Maranhão, **Ceará** e Piauí) da 7ª Região Militar.

Composta do 23º e 29º Batalhões de Caçadores (BCs) de Fortaleza, 25º de Teresina, 24º de São Luís e II Grupo do 5º Regimento de Artilharia Divisionária de Cavalaria (II/5º RADC sediado na capital cearense), faziam parte da defesa do litoral nordestino, mas sofria com a falta de mobilidade, efetivos e material.

A pedido do General Mascarenhas de Moraes, à época, Comandante, os três estados foram desmembrados para uma região militar própria, pois a área da 7ª RM era grande demais para prestar apoio administrativo, operacional e logístico. Assim, em 17 Set 1942, consideradas as características fisiográficas similares dos Estados do Ceará, Piauí e Maranhão, a dificuldade de articulação com a 7ª RM e razões de ordem estratégica para a Defesa Territorial, foi extinta a 3ª Brigada de Infantaria (Decreto-Lei Nr 4.704) e criada a 10ª Região Militar (Decreto-Lei Nr 4.706), para centralizar e coordenar as Organizações Militar esse dia das naqueles Estados.

Em janeiro de 1943, deu-se a instalação solene do Comando da 10ª RM, no Quartel da extinta 3ª Bda Inf. Atualmente a área de jurisdição da 10ª RM abrange os estados do **Ceará** e Piauí.

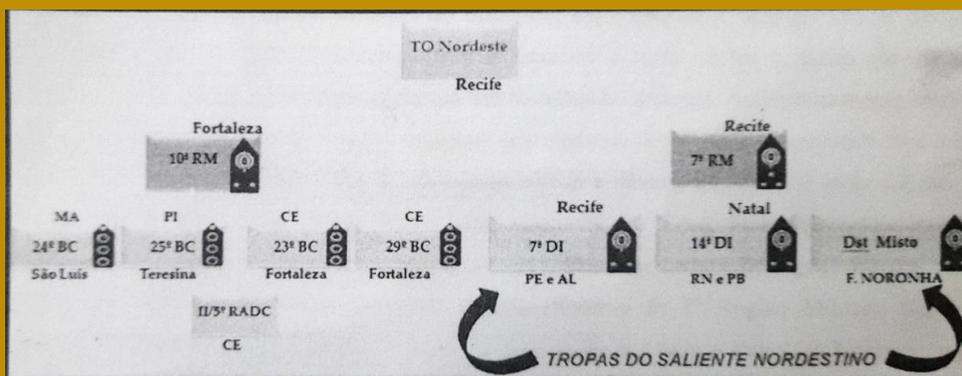
A 10ª RM na década de 50/Fonte: arquivos do CCRM/10



a. Operações de Guerra:

1) Durante a IIª GM, a 10ª RM cumpriu as missões de **vigiar o litoral na defesa do saliente nordestino**, em executar planos de guerra em conformidade com o Teatro de Operações Nordeste, mantendo estreitas ligações com as forças navais e aéreas, nacionais e norte-americanas.

Contribuiu, ainda, com significativo contingente de homens destemidos, transformados em heróis nordestinos nos campos de batalha da Itália. Durante o período da guerra, exerceu vigilância permanente à espreita dos submarinos alemães que rondavam ameaçadoramente as costas cearenses.



2) Implantou diversos Postos de Defesa/Vigia por toda as infraestruturas sensíveis na área de Fortaleza e litorânea, nos quais suas OMDS [(o 23° BC, o 29° BC (extinto em 1946) e o II/5°RADC (2º Grupo do 5º Regimento de Artilharia da Divisão de Cavalaria, recém-chegado a Fortaleza)], realizaram missão real de Combate guarnecendo ainda, postos de observação nos pontos mais altos e estratégicos de Fortaleza.

TO criados/Fonte: O emprego do Exército Brasileiro na defesa da costa e vigilância do saliente nordestino na II Guerra Mundial / Cel Antônio Ferreira Sobrinho



b. Antigos Comandantes da 10ª RM e a suas participações na FEB:



1) Gen Edgardino de Azevedo Pinta, sexto comandante da 10ª RM (05 Mar 1951 a 20 Out 1952) - Na Itália, no posto de Cel, serviu no Centro de Recrutamento da FEB(CRP/ FEB).



2) Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, sétimo comandante da 10ª RM (10 Nov 1952 a 21 Mai 1954), durante a II Guerra Mundial, como Ten Cel, foi designado para chefiar a 3ª seção (de operações) do Estado-Maior da 1ª DIE da FEB. Foi um dos responsáveis direto pelo êxito militar que envolveram as tomadas de Castelnuovo e Monte Castelo. Atuou ainda, como Oficial de ligação direta com o chefe da seção de operações do IV Corpo de Exército Norte-Americano.



3) Mal Emílio Maurell Filho, oitavo comandante da 10ª RM (23 Jul 1954 a 05 Ago 1955) - Como Ten Cel, tomou parte nos preparativos para o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) à Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Em território italiano, integrou o 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocados, que compunha o 2º Grupo de Artilharia da FEB, do qual chegou a ser comandante.



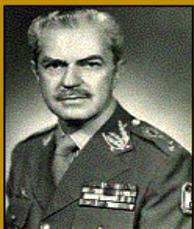
4) Gen Ex Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, vigésimo terceiro comandante da 10ª RM (30 Abr 1973 a 20 Dez 1974) - Participou como Capitão da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), comandando a companhia do quartel-general da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE).



5) Gen Ex Florimar Campello, vigésimo quarto comandante da 10ª RM (17 Jan 1975 a 06 Mai 1976) - Como Capitão, integrou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que combateu na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), comandando a 3ª Bateria do 3º Grupo de Obuses da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.



6) Gen Ex Milton Tavares de Souza, vigésimo quinto comandante da 10ª RM (24 Mai 1976 a 10 Jan 1978) - Participou da Força Expedicionária Brasileira (FEB), embarcando em 1944 para a Itália, onde, como Capitão de Infantaria, comandou a 6ª Companhia do 2º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria (6º R1). Destacou-se na campanha italiana, em especial na conquista da cidade de Montese, em 14 de abril de 1945, no qual foi ferido em Batalha.



7) Gen Ex Alacyr Frederico Werner, vigésimo sétimo comandante da 10ª RM (16 Mai 1979 a 12 Set 1980) - Atuou como adjunto da 2ª Seção do Estado-Maior da Força Expedicionária Brasileira na Itália, onde permaneceu até maio de 1945 ao término do conflito.



8) Gen Div Antônio da Silva Campos, vigésimo oitavo comandante da 10ª RM (12 Set 1980 a 18 Mar 1983) - Na Campanha da FEB, durante a II Guerra Mundial, foi Subalterno da Cia Can AC/11º RI no período de 23/09/1944 a 17/09/1945.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Decreto nº 10.490-A, de 25 de setembro de 1942 – Define e delimita a Zona de Guerra.
- BRASIL. Decreto nº 8.214, de 27 de março de 2014. Dispõe sobre a Transformação das Regiões Militares e Divisões de Exército. Brasília, 2014.
- CARVALHO DAROZ, R.C. A Artilharia Brasileira e a Defesa de Fernando de Noronha durante a 2ª Guerra Mundial. Tiempo y Espacio, vol. 27, n.67, pp.21-43, 2017.
- CENTRO DE CULTURA REGIONAL MILITAR (CCRM/10) – Arquivos digitais/Memória histórica.
- COLEÇÃO BARÃO DE STUDART – VOL XIII – ARQUIVO DO INSTITUTO DO CEARÁ.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. O Nordeste na 2ª Guerra Mundial – Antecedentes e Ocupação. Rio de Janeiro. Editora Record, 1971.

Fortaleza, Ceará, 11 de dezembro 2024

Morte Ficta

José Carlos Pöpl Filho
Historiador Militar

A “morte ficta” é um benefício concedido à militares afastados das Forças Armadas, permitindo que seus dependentes recebam pensão como se o agente estivesse falecido. Este instituto jurídico permite reconhecer a morte de um militar, mesmo sem a confirmação de seu real falecimento.

A regra foi determinada pela Lei nº 3.765/1960 e equipara o militar excluído ao falecido, independente do motivo da exclusão.

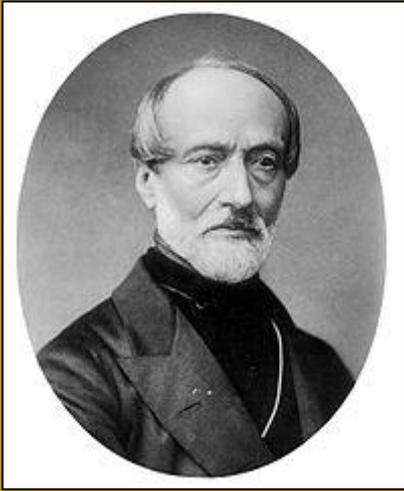
Os integrantes das Forças Armadas afastados do serviço, atualmente, podem ser considerados como mortos, assim seus dependentes receberão uma pensão.

Os herdeiros de ex-militares da Marinha, do Exército e da Força Aérea são os beneficiados.

Cabe salientar que o militar desconta mensalmente de seu soldo valor destinado à Pensão Militar, pois a pensão militar é um direito dos dependentes do militar após a sua morte, e é regida pela Lei em vigor na data do falecimento do militar.

Agora, essa regra pode ser extinta, conforme proposta do Ministério da Fazenda que ainda precisa de aprovação do Congresso.

Além dessa, outras medidas serão necessárias, como às relativas a aposentadorias militares e outros ajustes, conforme declarou o ministro.



E, com apenas 25 anos, em 1832, ele foi nomeado capitão do navio *Clo-rinda*, regressando a Gênova depois de um período de ausência de mais de cinco anos.

Ali, ele se afiliou ao grupo *La Giovine Italia* ("A Jovem Itália") – uma sociedade secreta criada para promover a unificação do país, fundada por outro patriota genovês, Giuseppe Mazzini (1805-1872)² (ao lado).

Garibaldi participou de uma tentativa de insurreição em Gênova. Ele obteve o cargo de capitão da Marinha do Reino da Sardenha, mas sua expedição fracassou e ele foi obrigado a fugir.

Tendo sido condenado à morte, ele navegou pelo Mediterrâneo com um nome falso até 1836, quando decidiu se exilar na América do Sul. Ele então partiu rumo ao Rio de Janeiro³.

Pirata no Brasil

Giuseppe Garibaldi fixou residência no Rio Grande do Sul, onde começou a comercializar macarrão. No RS, ele também consolidou sua formação política, entrando em contato com outros italianos, dissidentes da Jovem Itália. Ele chegaria a ser presidente da filial da organização no continente americano.

Garibaldi também fez parte da loja maçônica *Asilo da Virtude*. Foi assim que ele conheceu o político e militar Bento Gonçalves da Silva (1788-1847), que queria a independência gaúcha do império brasileiro.

Garibaldi entrou para a luta e participou da Revolução Farroupilha, também conhecida como Guerra dos Far- rapos (1835-1845)⁴.

Em uma carta a um amigo em 1837, Garibaldi contou que estava "cansado de se arrastar por uma existência inútil". Ele conseguiu de Bento Gonçalves uma autorização para navegar e comandou sua frota de guerra contra a marinha brasileira.

"A colaboração de Garibaldi foi fundamental sob dois pontos de vista", explica a historiadora Maria Medianeira Padoin, professora da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

"De um lado, ele ofereceu seus conhecimentos militares, empregando táticas eficazes de combate na água, tanto no mar quanto em rios, colaborando para a formação dos estaleiros militares da região."

"Por outro lado", prossegue a professora, graças à "sua personalidade carismática, ele difundiu seus ideais de igualdade e luta pela liberdade."

Tortura e amor

Durante os quatro anos em que combateu na Revolução Farroupilha, Garibaldi foi capturado e torturado. Ele sofreu um naufrágio (a caminho de Laguna) e conheceu aquela que seria o amor da sua vida: Ana Maria Ribeiro da Silva – Anita Garibaldi (1821-1849).

"A história dos meus bisavós foi muito romântica", conta a historiadora Annita Garibaldi Jallet, presidente da Associação Nacional dos Veteranos Garibaldinos, com sede em Roma, na Itália.

O pirata italiano conheceu Anita em Santa Catarina, durante a investida para tomar a cidade portuária de Laguna, no sul da província. A Tomada de Laguna foi fundamental para a criação da República Catarinense - ou Juliana, que se uniria em confederação à República Rio-Grandense.

Anita tinha então 18 anos e era casada, mas se apaixonou por Garibaldi. Ela abandonou o marido, começou a usar roupas masculinas para poder andar a cavalo e lutou ao lado de Garibaldi em todas as campanhas militares em terras brasileiras.

Eles se casaram em 1842 e tiveram quatro filhos: Menotti, Rosita (que morreu com dois anos de idade), Tere- sita e Ricciotti – o avô de Annita Garibaldi Jallet.

A Guerra Grande no Uruguai

² Nota do Editor: **Giuseppe Mazzini** (Gênova, 22 de junho de 1805 – Pisa, 10 de março de 1872) foi um político, maçom e revolucionário da unificação italiana. Em 1830, tornou-se membro da Carbonária, uma sociedade secreta com objetivos políticos.

³ Idem: No Rio, Garibaldi conheceu o italiano Conde Tito Lívio Zambeccari, então preso na Fortaleza de Santa Cruz. Este, também era carbonário e farroupilha, aprisionado após a derrota do Combate da Ilha do Fanfa, juntamente com Bento Gonçalves.

⁴ Idem: Denominação adotada somente após a Batalha do Seival e a proclamação da República Riograndense em 11 de setembro de 1836.

Perto de 1841, Giuseppe Garibaldi deixou os combates no Brasil, que seriam concluídos em 1845, com a dissolução da República Rio-Grandense.

Ele passou a morar em Montevidéu, no Uruguai, onde havia uma numerosa comunidade de exilados e imigrantes italianos⁵.

Mas seu descanso dos campos de batalha durou pouco. O Uruguai também enfrentava um conflito armado, a chamada Guerra Grande (1839-1851).

De um lado, estavam os blancos, do presidente uruguaio Manuel Oribe (1792-1857). Ele contava com o apoio dos federalistas argentinos, liderados pelo caudilho Juan Manuel de Rosas (1793-1877). Do outro, estava o governo colorado instalado em Montevidéu, do general Fructuoso Rivera (1789-1854).

A Guerra Grande foi um conflito que transcendeu as duas facções. O Brasil, a França e o Império Britânico também intervieram no confronto.

Garibaldi tomou partido de Rivera e criou a Legião Italiana. Sob sua liderança, o grupo conquistou vitórias em Colonia del Sacramento, Gualeguaychú, na defesa de Montevidéu e na batalha de San Antonio, no departamento uruguaio de Salto.

Mas, "como se tratava de uma guerra civil, Garibaldi foi considerado por muito tempo um herói do Partido Colorado e, só mais tarde, de toda a nação", explica Mario Etchechury, especialista do centro de Pesquisas Sociais e Históricas Regionais (ISHIR, na sigla em espanhol) de Rosário, na Argentina.

"O primeiro monumento autorizado em Montevidéu, ao lado do herói nacional José Artigas (1764-1850), foi o de Garibaldi", prossegue Etchechury.

Para ele, isso "se justifica, por um lado, pela sua importância e, por outro, porque, naquele ano, o país era governado pelo mesmo Partido Colorado que, até hoje, mantém na sua sede um retrato do italiano".

Além do seu arrojo em combate, a Legião Italiana era caracterizada por um elemento que invadiria rapidamente o imaginário popular como símbolo de valentia e entrega às causas patrióticas: suas camisas vermelhas.

Diversos historiadores indicam que, provavelmente, o emblema característico das tropas de Garibaldi se deveu a um carregamento de tecidos vermelhos destinados aos trabalhadores das charqueadas de Montevidéu. O general italiano comprou os tecidos por baixo custo para vestir seus soldados.

"Da experiência na América do Sul, Garibaldi certamente levou a consciência de ser um comandante carismático e as técnicas de guerrilha que ele empregaria eficientemente nas batalhas em solo italiano, nos anos seguintes", explica Medianeira Padoin⁶.

Mas a formação de Garibaldi no chamado Novo Mundo não foi apenas política e militar. Ele conta, nas suas memórias, como ficou encantado pelas imensas planícies dos Pampas e pela forma livre e independente de viver dos gaúchos.

Ele possivelmente observava no povo da região a encarnação das suas ideias de liberdade popular. Sua capacidade de resistência, sua coragem e sua frugalidade foram uma inspiração para as campanhas militares de Garibaldi na Itália.

Foi nessa época que, ao lado do seu uniforme emblemático, nasceu o mito do "herói de dois mundos". E a fama de Garibaldi começou também a circular na Europa.

A chegada, em 1846, de um novo papa, Pio 9º (1792-1878), trouxe a proclamação da anistia para que os exilados italianos voltassem ao seu país.

Com isso, Garibaldi deixou a América do Sul em 1848. Ele, sua família e alguns companheiros de luta na América foram enfrentar a prolongada luta pela unificação da Itália, que o consagraria como um dos maiores heróis românticos do século XIX.

Referência: FLORES, Moacyr. Dicionário de História do Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

A SÍNTESE BIOGRÁFICA DE GARIBALDI CONFORME O CORONEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO

(INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS, RJ) (acesso em 17 de dezembro de 2024)

⁵ Nota do Editor: Garibaldi casou com Anita no Uruguai. Para isso, perante o cônsul brasileiro, assinou uma retratação "renegando tudo que fizera pela causa farroupilha" (Flores, 2001, p. 276). Traiu os antigos companheiros.

⁶ Idem: Giuseppe voltou para a Itália em 1848 e começou a lutar pela unificação, mas foi derrotado no Tirol e em Roma, tendo que abandonar Anita, que acabou falecendo. Depois de passar pelos EUA, Peru e China retornou à Itália. Ficou famoso pela "Marcha sobre Roma" em 1875.

Nasceu Giuseppe Garibaldi em Nizza, Itália, em 14/jul./1807, segundo filho do casal Domenico e Rosa Garibaldi há 200 anos. Cedo se iniciou no mar e revelou grande espírito aventureiro, ao ser preso com outros meninos, já na altura de Mônaco, em expedição marítima realizada à revelia dos pais. Aos 15 anos era marinheiro e fez a sua primeira viagem de San Remo a Odessa. Ao passar por Roma tomou conhecimento da realidade de uma Itália dividida e dominada pelos austríacos e passou então, a viver os problemas da pátria através de intensa leitura. Em 1830, aos 23 anos aderiu à sociedade secreta, “A Jovem Itália” de Mazzini, cujo programa era a Unidade e República italianas, tendo por divisa, Deus e Povo, Pensamento e Ação. Ao ser apresentado a Mazzini, tornou-se carbonário, com o codinome Borel. Fracassando a revolução de Mazzini, fugiu da Itália e atingiu Marselha na França, onde soube haver sido condenado à morte. Por algum tempo prestou serviços ao Bey de Tunis. Depois retornou à Marselha para embarcar para o Brasil, o que fez a bordo do “Nautonnier”. Ao transpor a barra do Rio de Janeiro ficou deslumbrado com a beleza natural do Rio de Janeiro, lamentando não ser poeta para descrevê-la. No Rio, entrou em contato com os carbonários, Rosseti, Carníglia, Cuneo, Torrizano e Castellini. E decidiu comprar um barco que batizou de “Mazzini”. No Rio, quando em atividades comerciais, soube estar preso na Fortaleza de Santa Cruz, o carbonário Conde Tito Lívio Zambecari, feito prisioneiro com Bento Gonçalves na Ilha da Fanfa, no Rio Jacuí. Em decorrência da visita a Tito Lívio, aderiu à Revolução Farroupilha. Armou secretamente a “Mazzini” para realizar o curso no Sul. Ao transporem a Fortaleza de Santa Cruz e terem acenado para o Tito Lívio, mudaram o nome do barco Mazzini para “Farroupilha”. E nele hastearam pela vez primeira, no mar, o pavilhão tricolor da República Rio-Grandense. Depois de deixarem o Rio, aprisionaram a “Luiza” e o levam para o sul com os escravos apresados. Em Maldonado, no Uruguai, o barco quase naufragou em virtude do mau funcionamento de sua bússola, afetada pelo metal de fuzis colocados próximo. Na Barranca San Gregório, foram surpreendidos por um barco uruguaio hostil, sendo Garibaldi gravemente ferido, entre o pescoço e a carótida, por um tiro. E foi salvo por Carníglia. Fugindo, remontam o rio Paraná, sendo acolhidos pelo governador de Entre Rios. Mas o substituto deste, ao conhecer a tentativa de fuga de Garibaldi, o submeteu a chibatadas pelo corpo e rosto, complementadas por torturas de toda a ordem, até o libertar em Gualaguai. Malgrado no curso no mar, Garibaldi foi para Piratini, a capital farrapa. E depois através do atual Município de Canguçu, berço de Coronel Joaquim Teixeira Nunes, seu futuro companheiro na expedição a Laguna, atingiu o estaleiro farroupilha da margem sul da barra do Rio Camaquã. Neste local, concluiria os barcos “Independência” e “Rio Pardo”, iniciados pelo norte-americano John Griggs. E com eles deu início a ações corsárias na Lagoa dos Patos. Aí se enamoraria da pelotense Manoela, sobrinha de Bento Gonçalves e concluiria os barcos “Farroupilha II” e o lendário “Seival”, cuja réplica foi mandada construir e introduzir no Parque Histórico Marechal Osório, em Tramandaí, pelo próprio Presidente do Brasil, Gen Ex Emílio Garrastazu Médici. A seguir, em expedição épica, transpôs estes barcos da Lagoa dos Patos para o mar, através da barra do Tramandaí, depois rebocou-os por terra sobre enormes carretas especiais, tiradas cada, por cerca de 50 bois, num percurso de cerca de 15 km. A caminho de Laguna – SC, naufragou o “Farroupilha II”. Garibaldi se salvou por milagre, mas perdeu dois amigos de infância, Carníglia e Matru. E dois salvadores de sua vida, Carníglia em São Gregório e o preto Procópio no estaleiro de Camaquã, ao ferir no braço o chefe adversário que comandou o ataque, o temível e competente guerrilheiro imperial, o porto-alegrense Francisco Pedro Buarque de Abreu, o “Chico Pedro”, ou Moringue, futuro Barão de Jacui. Em Laguna, Garibaldi aumentou sua flotilha com mais cinco barcos além do “Seival”. E ali conheceu o grande amor de sua vida, a heroína Anita de Jesus, que o acompanharia em toda a sua sofrida odisséia, até tombar morta na Itália. Mas isto é outra história!. Depois de limitados sucessos, Garibaldi foi derrotado por completo na Batalha Naval da Laguna, sendo aprisionado intacto o “Seival”.



Acima: os últimos dias do Seival, em Laguna com o nome de Garrafão, com parte de seu casco apodrecido apoiado na praia para não afundar. Um dos seus mastros se encontra no Museu de Laguna (Foto cedida ao o autor pelo historiador catarinense Walter Fernando Piazza, ex presidente do IHGSC).

O “Seival” recebeu este nome, em homenagem ao combate vitorioso dos farrapos, em 10/set/1836 e que culminou com a proclamação da República Rio-Grandense, ou do Piratini, no local denominado Campo dos Menezes, pelo vencedor desta batalha, o mais tarde general farrapo, Antônio de Souza Neto. Fizemos um estudo à luz da Arte Militar deste combate no livro *O Exército Farrapo e os seus chefes*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1991, v. 2. Combate vencido pela Divisão Liberal de Antônio Neto que resultara da mudança de nome do Corpo da Guarda Nacional de Piratini formado com homens mobilizados em seus distritos de Cerrito, Canguçu, de Bagé até o Pirai, além de no distrito sede de Piratini e reforçado por um Corpo de Lanceiros Negros. Por muitos anos existiu no Palácio Piratini um enorme óleo focalizando a Proclamação da República em Campo dos Menezes e que se encontra hoje no Posto de Comando do Regimento Bento Gonçalves da Brigada Militar. Em 10 de maio de 1986, sesquicentenário do Combate do Seival que criou condições para a Proclamação da República Rio-Grandense, fundamos em Pelotas no auditório da Escola Técnica Federal o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) que vem atuando há 21 anos. Derrotado no mar, Garibaldi agora infante, integrando tropas do Cel. Joaquim Teixeira Nunes, rumou para o planalto catarinense, em companhia de Anita e Rosseti. E, creio, passaria um período dos mais difíceis, críticos e sofridos de toda a sua aventureira vida. Nesta ocasião, combateu a pé num corpo a corpo de arma branca dentro de um mangueirão em Santa Vitória, no vale do Rio Pelotas. Se isto não bastasse, foi derrotado no combate de Marombas, e perdeu-se de Anita, feita prisioneira. E ela, depois de fugir reencontraria Garibaldi em Vacaria. Anita caminhara também cinco dias no interior de um matagal hostil, até atingir Lages e, em situação quase que semelhante, até Viamão ou Setembrina. Próximo a Mostardas, onde nasceu seu filho Menotti, Garibaldi dirigiu a construção de barcos para atravessar meios de São Lourenço do Sul e cavalhadas de Canguçu, para a derradeira tentativa de conquista da barra do Rio Grande. O ataque a S. José do Norte abortou em razão de o General Bento Gonçalves ter abdicado da possibilidade de vitória, ao custo de incêndio da praça e de eliminar vidas inocentes, crianças e idosos. Tendo os imperiais forçado os farroupilhas a levantar o débil cerco de Porto Alegre, Garibaldi junto com seu filho de três meses, mais tarde general italiano participaria do que se chamou de “Retirada Desastrosa”, através da mata bruta das encostas do planalto rio-grandense. Nesta marcha infernal “na antecâmara do inferno”, em busca dum combate decisivo com o Gen. Labatut, se deslocando a pé, dia e noite sem cessar, padecendo frio, fome, chuvas, atravessando rios transbordantes, alimentando-se de cavalos, muitos dos expedicionários não tiveram a ventura, após mil e uma peripécias e sofrimentos indiscutíveis, de atingir com vida São Gabriel, por terem perecido ao longo do caminho. Poderão ajuizar dos sacrifícios que padeceram estes retirantes, os que conhecem a hostilidade das matas e do relevo do planalto gaúcho, e ainda mais no frio. Em São Gabriel, Garibaldi deixou a revolução e penetrou no Uruguai, “tropeando” 900 cabeças de gado, como pagamento de seus quatro anos de serviços prestados aos farroupilhas. E a seu lado e a cavalo, duas grandes lembranças do Brasil: sua heróica Anita e, em seu colo, seu filho Menotti. No Uruguai Garibaldi lecionou Matemática. E nasceram mais filhos. Regularizou a união com Anita, e vivenciou frequentes momentos de extrema miséria, em função de seu idealismo. Comandou a Esquadra Uruguiaia contra a potente e numerosa Esquadra de Rosas comandada por Brown, sendo completamente batido. Depois comandou uma Divisão de Voluntários Italianos, em Montevidéu. Depois de 14 anos na América, retornou à Itália, onde foi recebido como herói. Na Itália, combateu, venceu e perdeu a sua Anita. E abortou mais uma vez o seu projeto de unificar a Itália. E mais uma vez o exílio: Gibraltar, África, EE. UU., América Central e o Peru. Mas não esmoreceu. E de novo na Itália, lutou sob o calor de seu “poncho-pala” inspirador, e do qual, à maneira de Osório, o lanceiro legendário, jamais se afastava em campanha, por ser o símbolo que personalizava a liderança de ambos. Garibaldi foi à encarnação do guerreiro que sabia que a guerra é feita de muitas batalhas e o importante é ser constante e vencer a última. Garibaldi conheceu, ainda vivo, a glória, em seu alto grau, após levar a vida real mais romanesca, sendo por isto considerado o homem de ação de seu século e o Herói de Dois Mundos, ao lado de Victor Hugo considerado o verbo. Gozou da admiração de pessoas ilustres, como George Sand, Alexandre Dumas, que lhe redigiu as Memórias, Abraham Lincoln que lhe ofereceu o posto de general em seu Exército e, de Victor Hugo, que inclusive, lhe reservou quarto em sua moradia. Faleceu em 1882, aos 75 anos. Na Itália no auge de sua fama assim lembrou de seus companheiros da Revolução Farroupilha. “E repassando na Memória as vicissitudes da minha vida no vosso meio, em 6 anos de guerra e de constante prática de ações magnânimas, como que em delírio exclamo: Onde estão este belicosos filhos do Continente (Rio Grande do Sul), tão majestosamente intrépidos nos combates? Onde estão Bento Gonçalves, Antônio Neto, Davi Canabarro, Joaquim Teixeira Nunes e outros tantos lanceiros farrapos que não me lembro! Que o Rio Grande ateste com uma modesta lápide o sítio em que descansam seus ossos. E vossas belíssimas patrícias (a mulher gaúcha) cubram

de flores este santuário de suas glórias”. Somente os restos mortais do Cel. Joaquim Teixeira Nunes foram sepultados em local não sabido no município de Arroio Grande. Na minissérie A Casa das 7 Mulheres ele foi muito bem representado pelo ator Douglas Simon e não foi linchado moralmente como os dois grandes generais farrapos Bento Manuel Ribeiro e David Canabarro.

%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%%

"Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; e terceiro, por experiência, que é o mais amargo".

Confúcio

#####

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis
Cel Inf EM Veterano - Presidente da AHIMTB/RS
(lecaminha@gmail.com).

Sites:

www.ahimtb.org.br e
www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;

Site do Núcleo Militar de Gramado/Rainha do Mar:
www.nuclev.com;

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia
Heróis de Guararapes:

<http://historiapatriota.blogspot.com>